

Obs: Veja comentários ao final do trabalho.
AMM.

97/6

ERIKA SALES CABRAL

EDUCAÇÃO SEXUAL

↳ aparece entre títulos na página da declaração.

1997/2

ERIKA SALES CABRAL

EDUCAÇÃO SEXUAL

↳ na folha de declaração aparece outro título

1997/2

Universidade do Rio de Janeiro - (UNI - RIO)
Centro de Ciências Humanas - (CCH)
Escola de Educação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Monografia

REITOR: Hans Jurgen Fernando Dohman

VICE-REITOR: Regina Lugarinho

DECANO: Maria Tereza Fontoura

DIRETORA: Janete de Oliveira Elías

PROFESSORA DISCIPLINA: Gilda Maria Grumbach de Mendonsa

PROFESSORA ORIENTADORA: Maria Amélia Gomes de Souza Reis

ALUNA: Erika Sales Cabral

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E A GRAVIDEZ
NA ADOLESCÊNCIA.

POR: ERIKA SALES CABRAL

Monografia apresentada em
cumprimento ao requisito
parcial para conclusão do
Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia.

Rio de Janeiro
UNI - RIO
1997

CABRAL, Erika Sales. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL E
A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: Rio de Janeiro, UNI-RIO, 1997.
40 p.

2003 07 10
11:00 AM
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS (CCH)
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

DECLARAÇÃO

O presente trabalho monográfico sob o título - **A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA**, elaborado por **ERIKA SALES CABRAL** como requisito parcial a obtenção do grau em Licenciatura em Pedagogia, foi avaliado pelos professores abaixo, com suas notas respectivamente discriminadas.

Rio de Janeiro, 05 de dezembro 1997.

ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

9,0 (NOVE)



MARIA AMÉLIA GOMES DE SOUZA REIS

GILDA MARIA GRUMBACH DE MENDONÇA

9,0 

DEDICO ESTA MONOGRAFIA A
ANNA MARIA FAVARON MAGOULAS,
QUE COM SUA PACIÊNCIA, ATENÇÃO
E INCENTIVO, CONTRIBUIU MUITO
PARA O TÉRMINO DESTE CURSO.

AGRADECIMENTOS

A MEU PAI ALDEMIR SALES CABRAL, POR TODO AMOR E CARINHO QUE COM SEUS ENSINAMENTOS SOUBE DESPERTAR MEU INTERESSE PELO ESTUDO.

MINHA MÃE VALDEREZ BANDEIRA CABRAL, QUE ME AJUDOU NAS HORAS MAIS DIFÍCEIS.

MINHA AMIGA MARIA CONCEIÇÃO GOMES DE OLIVEIRA QUE TEVE EFETIVA PARTICIPAÇÃO NA MINHA GRADUAÇÃO.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	8
II - ADOLESCÊNCIA	16
III - SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA	20
IV - AIDS	25
V - GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	22
VI - EDUCAÇÃO SEXUAL	32
VII - CONCLUSÃO	36
VIII - BIBLIOGRAFIA	41
ANEXOS	

I - INTRODUÇÃO

"A EDUCAÇÃO SEXUAL não leva à promiscuidade. Isso aí é um não senso que poderia fazer essa imensa promiscuidade, esse descompasso, seria, e é, exatamente a falta de educação sexual, a falta de informações da sexualidade... no momento em que você, num trabalho sério, crítico, sobre sexualidade, desafia o jovem a pensar em torno de seu corpo, não há dúvida nenhuma que no fundo o cara descobre a importância de seu corpo no mundo". FREIRE, PAULO)

Neste final de milênio, estamos diante de desafios que nos exigem decisões firmes e inadiáveis. Os avanços tecnológicos, em ritmo acelerado, por vezes, acentuam as dificuldades de nossas realidades sociais.

A Educação, campo onde se constitui nossa humanidade, tem um papel fundamental na construção da sociedade que almejamos, de cidadãos livres e felizes. Para tanto, é necessário que nossa política tenha flexibilidade suficiente para atender às necessidades da população e que nós, educadores, vivenciemos um permanente processo de atualização para que possamos aguçar, cada vez mais, nossa sensibilidade na direção das demandas da comunidade na qual nossos trabalhos se inserem.

Entendemos que à escola cabe a tarefa vital de defesa dos direitos essenciais em nosso país. Assim, se faz indispensável que a ação educativa ultrapasse os muros formais da Escola no caminho da construção da cidadania para todos.

Considerando-se a importância dos aspectos informativos e não informativos, na construção da sexualidade, o objetivo desse estudo

↳

pretende discutir a necessidade da educação sexual na escola, levantando questões que envolvem a sexualidade adolescente, e em particular, a gravidez, relacionando-a à deficiência de uma efetiva educação sexual, seja no âmbito familiar ou escolar.

Pretende-se ainda, ressaltar o papel da escola e a necessidade da formação dos educadores frente a essa questão. Como, demonstrar a gravidade do problema, principalmente a nível social, uma vez que, se constitui em um dos fatores da reprodução da pobreza em nosso país.

O tema adolescência e, dentro dele, a maternidade constituem um objeto de estudo que precisa ser situado histórica e socialmente. Na medida em que se aborda a questão através da categoria idade e se qualifica a reprodução nessa faixa como problemática, torna-se necessário justificar porque e de que forma a questão constitui-se um problema de pesquisa.

De acordo com Gojman, um dos critérios de "*adulterice*", da nossa sociedade, sempre foi a aptidão para formar uma nova família, através da instituição do casamento que ocorria precocemente. Assim, até o início do século XX, o casamento era a forma sancionada pela sociedade ocidental para o uso lícito da sexualidade, em especial a feminina.

Com as transformações sociais, econômicas e sócio-culturais, principalmente após a Segunda Guerra Mundial e com a descoberta da pílula anticoncepcional, a mulher assumiu novos papéis, resultando no alargamento do seu locus social, trazendo mudanças de comportamento. (GOJMAN, apud MOURA, 1991:6). Ainda de acordo com o autor, tais transformações trouxeram de imediato a pesquisa de métodos contraceptivos e programas de educação sexual. O erotismo atingiu os meios de comunicação, instalando-se o apelo a maior sexualidade. (BEZERRA, apud MOURA, 1991:6)



Decorreu, em seguida, a revolução sexual, em cujo hábito da mulher altera-se, fazendo com que ela tenha relações fora do contexto do casamento, levando a sociedade a repensar sobre os papéis sociais do homem e da mulher.

A intensidade do relacionamento sexual precoce e a ausência quase total de educação sexual formal levaram a um aumento do número de gestações em países pobres, nos países ricos nascem cada dia menos crianças.

A sexualidade humana parece ser ainda um tema bastante difícil de ser adequadamente abordado neste país. Às vésperas do século XXI e com toda a gama de informações veiculadas pelos meios de comunicação, as pessoas se mostram reservadas tanto para falar sobre sexo como para aceitarem um posicionamento de vida frente a ele.

Os movimentos sociais das últimas três décadas, trouxeram mudanças de comportamento mas ainda existe uma moral repressora no que se refere à sexualidade.

A sociedade, ainda muito impregnada por uma moral arcaica, produz discursos sobre o direito dos indivíduos à sexualidade mas, na prática, não há um respaldo social nem sequer das políticas públicas que emanam do Estado.

Desse modo, o momento é de conflito entre o antigo e o novo. Adultos educados em um sistema conservador questionam o resultado dessa formação e, meio a este conflito, estão criando os seus filhos.

Mesmo nos textos científicos, a moral conservadora aparece nas entrelinhas das orientações, deixando transparecer os conflitos do cientista. Quando se aborda métodos contraceptivos a figura masculina geralmente não aparece, como se esta não tivesse participação no processo. Quase toda a responsabilidade é atribuída à mulher.

Ao mesmo tempo em que a prostituição é alimentada pelos mecanismos sociais, defende-se a virgindade para "as meninas de família". Necessita-se da prostituição para resolver os problemas sexuais dos homens solteiros, dos mal casados ou daqueles que jamais passariam dos limites com suas "santas" esposas. Na prática, a prostituição é condenada socialmente.

Assim, legitima-se o comércio do sexo, numa sociedade de dupla moral, que não distribui uniformemente e de maneira justa, as possibilidades de acesso aos canais de ascensão social enquanto se inculca aspirações de promoção na escala de posições sociais.

"A educação sexual no Brasil tem sido vista com conotações de rigidez absoluta. Atualmente a visão que se tem é que a sexologia é uma ciência, passível de inclusão nos currículos escolares, embora não se tenha a necessária neutralidade, estando ainda impregnada pela moral tradicional e sendo orientada pelas formas sociais". (FERNANDEZ, 1982)

Pode-se citar, como exemplo, a vinculação da sexualidade à questão da AIDS, nos revelando a repressão sexual. Enfatiza-se a doença, cria-se o medo, o pânico. Não se fala no contexto geral da sexualidade e a associação com ela é feita com o perigo, o feio, a morte, caracterizando uma visão simplista, que alcança apenas o aspecto biológico da sexualidade (em termos de maturação funcional) insuficiente para sua compreensão.



A adolescência pode ser a fase mais rica e, porém, a mais difícil de ser vivida. Embora os indivíduos que chegam a esta fase já venham vivenciando de alguma forma a sua sexualidade, neste é o momento que a curiosidade pela sexualidade se faz mais presente, em despertar a vontade de experimentar e descobrir o próprio corpo. Por outro lado, muitos fatores podem interferir nesse momento, por exemplo: insegurança, medo, desconhecimento do corpo, vergonha, falta de informação.

O problema se agrava quando prevalece na família, na escola, na sociedade, uma moral dúbia que ao mesmo tempo que nega o exercício da sexualidade, incentiva a prática sexual, dificultando assim a abordagem do tema. Na verdade a sociedade não nega a sexualidade. Fala dela o tempo todo, porém, para controlá-la.

"O adolescente está preparado biologicamente para a relação sexual, mas não para a vida sexual. A vida sexual envolve tudo que antecede e sucede a relação sexual".(REIS, 1997.)¹

A população de adolescentes de ambos os sexos vem crescendo continuamente em âmbito universal. Este aumento condiciona através da influência de vários fatores, a uma probabilidade também crescente da ocorrência de gravidez neste período, com toda a problemática que esta envolve.

A maioria dos trabalhos estudados mostra que os riscos para a adolescente grávida assume papel muito importante na esfera psicossocial. A gravidez desejada ou não, independente do meio cultural ou social em que apareça desempenha um importante papel na determinação de oportunidades futuras da adolescente solteira,

¹ REIS M.A.S. Apontamentos de Aula do Curso "Construção do Conhecimento das Ciências Físicas e Biológicas I, jan/1997.

✓

precipitando uma série de acontecimentos que se combinam para desorganizar a sua educação em sua vida familiar.

Nos dias atuais tem se observado, segundo dados abaixo, aumento de incidência de gravidez precoce na adolescência. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na faixa etária de 16 a 19 anos, a ocorrência de gravidez, embora maior, não aumenta há muito tempo. Nascerem atualmente cerca de sessenta mil crianças, filhos de mães entre 16 e 19 anos.

Quanto a faixa etária de 13 a 15 anos de idade, a incidência de gravidez é crescente e preocupa os especialistas. No final dos anos 70, a incidência era bem menor: 3700 nascimentos por ano. Os casos duplicaram nos últimos quinze anos. Cerca de oito mil crianças, filhos de mães com menos de 15 anos (Brasil 21/04/96).

A gravidez nessa faixa etária cresce também devido a um fator biológico. As garotas dos anos 90 têm a primeira menstruação em média aos 12 anos de idade. Suas mães e avós atingiram a menarca bem mais tarde. A idade da primeira menstruação, vem se reduzindo em quatro meses a cada período de dez anos, embora ninguém saiba explicar as razões do fenômeno. As mudanças de comportamento sócio-cultural (mudanças climáticas; mudanças nas atividades humanas diante da aceleração tecnológica e modificações alimentares) fazem o resto.

De acordo com a Dra. Magda Chinaglia, responsável pelo ambulatório pré-natal de adolescentes da Universidade de Campinas, a falta de orientação sexual é a causa primeira da incidência de gravidez na adolescência.

Na verdade, os pais têm uma enorme dificuldade em lidar com a sexualidade dos filhos. Isso está mudando, mas o constrangimento ainda é enorme. Muitos pais, tendem a achar que seus filhos, ainda



são muito novos para receber orientação sexual, até que são surpreendidos pela gravidez inesperada.

Nos Estados Unidos vive-se um problema semelhante ao do Brasil, e se tenta incluir a educação sexual nas escolas. Desde os anos 60, meninas com mais de 16 anos de idade ficaram mais bem informadas sobre sexo, graças ao esforço do governo em reduzir o número de adolescentes grávidas. Mas o problema cresceu entre as mais jovens, que não tinham recebido orientação sexual na sala de aula. Entre 1966 e 1981 os números de adolescentes grávidas entre 11 e 14 anos cresceu 22% nos Estados Unidos. Simultaneamente, caíram idênticos 22% as estatísticas de gravidez na faixa etária de 15 a 19 anos.

No Brasil, a fecundidade da mulher caiu em todas as faixas etárias, com exceção da faixa de adolescentes, onde o número de grávidas continua aumentando.

Os números oficiais dizem que no país, mais de um milhão de meninas entre 12 a 19 anos de idade dão a luz anualmente. Mas como muitas crianças só são registradas bem depois do nascimento, estima-se que o número de mães adolescentes chegue a dois milhões (O Globo, 14/04/96).

A taxa de mortalidade materna é de pelo menos 60 por mil nascimentos. Entre as adolescentes é de 30% mais elevada do que as de mulheres de 20 a 29 anos de idade, ocorrendo por hemorragia, anemia, infecção e complicações decorrentes de aborto induzido ou de parto por cesariana. Mais de 50% das mortes decorrentes de aborto ocorrem na faixa etária dos 12 aos 19 anos.

A última Pesquisa Nacional sobre Saúde Materno Infantil e Planejamento Familiar, de 1986, revela que a taxa de mortalidade

infantil no país é de 86 mortes para 100 mil nascimentos, aumentando para 103 mortes no caso de mães adolescentes.

Constata-se que o nível de informações sobre questões que envolvem a sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis, são fatores primordiais para a redução da incidência da gravidez na adolescência, que ocorre em diferentes classes sociais, trazendo sérias conseqüências a nível individual e coletivo como já exposto.

Esse trabalho visa enfatizar a necessidade de uma melhor abordagem pedagógica sobre sexualidade no ensino de 1º grau. Face ao grande número de adolescentes grávidas e um considerável aumento de doenças sexualmente transmissíveis. Abordar esse tema objetiva demonstrar a relevância da atuação do educador na formação de sujeitos como um todo e em particular no processo de tomada de consciência do papel fundamental representado pela sexualidade. Compete ao educador em seu trabalho pedagógico cotidiano, contribuir para um desenvolvimento pleno integral do indivíduo, preparando-o para entender melhor a sua realidade social, sua comunidade, sem medos, tabus, vergonhas e, prevenindo-se contra as diversas patologias e a gravidez não desejada e outras situações problemas.

✓

II - ADOLESCÊNCIA

"Os adolescentes são excessivamente egoístas, considerando-se o centro do universo e o único objeto de interesse. Mas não há outra fase da vida onde se é capaz de tanto auto-sacrifício e devoção. Eles são capazes de travar as relações amorosas mais apaixonadas, e terminá-las tão abruptamente quanto as começam. Por um lado, eles se introduzem entusiasticamente na vida da comunidade e, por outro, têm necessidade extrema de solidão".
(FREUD, ANNA, apud Gallatin, 1978:53)

É possível constatar que a adolescência independe da época e da forma como uma sociedade caminha na sua história. Seja em qualquer sociedade, mesmo naquelas consideradas complexas, este período da vida pressupõe um "rito de passagem", para a fase adulta, independentemente dos significados que possa ter em cada contexto sócio-cultural.

Ainda que o conteúdo, cultural desse fenômeno apresente as mais diversas expressões em diferentes sociedades, pode-se afirmar que em todas estão presentes ritos que demarcam a entrada na vida adulta, regras que disciplinam a sexualidade e a função social da procriação. Entrar na adolescência, significa antes de tudo, o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, tanto no homem quanto na mulher, e que possibilitará biologicamente a capacidade plena de reprodução da espécie humana.

Nas sociedades ocidentais, em geral, o termo adolescência se aplica especificamente ao período de vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujo limites se fixam geralmente, entre os 13 e 23 anos de idade, para o homem, e nas adolescentes compreende os 12 e 21 anos de idade. Define-se como adolescência a etapa na qual o indivíduo busca identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações afetivas, já interiorizadas,



que teve com seus familiares e, verificando a realidade que a sociedade oferece. Existe como base de todo esse processo, uma circunstância especial, que é característica própria do processo adolescente em si, ou seja, uma situação que obriga o indivíduo a reformular os conceitos que tem a respeito de si mesmo e que o levam a abandonar sua auto imagem infantil e a projetar-se no futuro de sua vida adulto.(ABERASTURY e KNOBEL,1988: 13)

Para ENDERLE(1988), adolescência, entende-se como estágio intermediário do desenvolvimento, aquele que se situa entre a infância e a fase adulta, compreendendo um período de maturação da maior importância, pois é nele, que a pessoa terá que experimentar lidar com a totalidade de si mesmo, visando alcançar uma razoável estabilidade. Por totalidade, entende-se esse novo corpo que se lhe afigura, a intensidade contingente amoroso e a preocupação com o lugar que ocupará no mundo adulto.

Afirma que a adolescência, constitui-se em grandes linhas, em um novo surto de independência que o jovem empreende contra a moral coercitiva da família são mais marcantes do que, por exemplo, na América do Norte, devido ao fato de cercearmos demasiadamente a criança, mantendo-a por um tempo muito longo no núcleo familiar básico.

A autora relata que, em nosso meio o processo da adolescência, alongou-se provavelmente devido a diminuição do período infantil, bem como por razões puramente culturais, resultantes do progresso tecnológico e, seguramente por interesses econômicos e ideológicos (escassez de mercado de trabalho, etc.) (ENDERLE, apud FERREIRA, 1990: 2)

Nas sociedades ocidentais abrange o tempo dos doze ou treze anos até vinte e três anos de idade. Tem início quando começa o crescimento fisiológico, onde amadurecem as funções reprodutoras e surgem as características sexuais secundárias. Os aspectos sexuais



parecem aflorar mais claramente nessa faixa etária, sendo este um período de transição, de tomada de posição frente a inúmeras questões, período este em que os indivíduos sofrem grandes transformações, tanto no que diz respeito à biologia, quanto na parte psicológica e social. (PAPALIA e OLDS, apud FOREMAN, 1989 :22)

Quanto aos aspectos biológicos, nessa fase, Marshall e Tanner, (1974) cita as seguintes modificações: aceleração e desaceleração do crescimento esquelético, alteração da composição corporal, desenvolvimento dos sistemas respiratórios e circulatórios, desenvolvimento das gônadas, órgãos de reprodução e caracteres sexuais secundários.

No que se refere ao psicológico, há grandes conflitos na fase da adolescência, há uma busca de uma escala de valores próprio que possa nortear sua vida, uma busca de si mesmo e da identidade.

Segundo ABERASTURY e KNOBEL, o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas. O nosso meio cultural, mostra nos períodos de relação e introversão, alternando com audácia, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia, que se sucedem ou não, concomitantemente aos conflitos afetivos e crises religiosas, nas quais se pode oscilar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso, intelectualizações e postulações filosóficas, condutas sociais dirigidas para o hétero erotismo e até a homossexualidade ocasial. A tudo isso chamam de "síndrome normal da adolescência". (ABERASTURY e KNOBEL, 1988: 29 - 59).

O aspecto social é caracterizado pela rejeição à família e seus costumes e pelo agrupamento de jovens. Nesta fase o adolescente vive, pensa e age em grupo. A influência dos amigos é muito forte, a ponto de se vestirem da mesma forma, por exemplo. Essas amizades passam a ser tão importantes e um se identifica tanto com o outro, que os problemas de um passam a ser de todos.

ABERASTURY e KNOBEL (1988), afirmam que é necessário uma crítica frente ao mundo externo e frente aos adultos em geral; o adolescente não quer ser como determinado adulto que rejeita, escolhendo um ideal. O mundo interno que foi desenvolvendo através de toda a sua família, identificando-se com aspectos de seus pais, professores, ou figuras substitutas de ambos, lhe servirá de ponte para ligar-se novamente com o mundo externo, que é novo para ele, em consequência da sua mudança de status. O luto pela infância e pelos pais da infância mistura o ego e o mundo exterior: *"não sou uma criança, eu mesmo perdi minha condição de criança, meus pais são os pais de um adulto e eu tenho que me comportar como tal, como o meu corpo, a minha mente e a sociedade me exigem"*. (ABERASTURY, 1988: 28).



III - SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Tomamos por definição de sexualidade o ponto de vista de GAYOU, in ALOIS, (1985), ou seja o de que ela é um aspecto inerente ao ser humano e abrange três fatores básicos: o sexo(biológico), o sexo de designação(social) e a identidade de gênero(psicológico), seria interessante definirmos esses conceitos:

- * SEXO BIOLÓGICO - características físicas e determinadas geneticamente dos indivíduos de uma espécie.
- * SEXO DE DESIGNAÇÃO SOCIAL - determinação que se dá as crianças, pelas atitudes e condutas dos outros para com elas, e que condicionam atitudes esperadas.
- * SEXO IDENTIDADE DE GÊNERO - vivência psíquica e emocional adquirida através da identificação de pertencer ao sexo masculino ou feminino em uma determinada sociedade.

A psicanálise pressupõe o desenvolvimento da sexualidade humana, através da estruturação da libido em diversos estágios de evolução psicológico, conforme descrito por Freud.

Nos estágios iniciais desse desenvolvimento a libido ainda não está a serviço da fertilidade, mas já vai sendo preparada para esta função. Na puberdade, o amadurecimento das gônadas, vai determinar as mudanças corporais, tais como o aparecimento do esperma e da menstruação, tornando então os papéis procriativos mais visivelmente definidos.

Na puberdade os impulsos sexuais irrompem para produzir a subordinação os componentes sexuais instintivos à primazia da zona

genital. Enquanto a procura do prazer, foi o objetivo de todas as formas infantis de sexualidade, as mudanças fisiológicas na puberdade criam um outro objeto sexual a reprodução. Esta fase do desenvolvimento psicosssexual é chamado de estágio genital. (FREUD, apud FERREIRA, 1990: 22)

Para Freud (1925), a sexualidade na adolescência se manifesta de três modos diferentes:

1. através da estimulação externa das zonas erógenas;
2. através de tensões internas relacionada à uma necessidade fisiológica.
3. através da "excitação sexual" psicológica, o qual pode ser influenciada pelas duas precedentes. A excitação psicológica consiste em um sentimento peculiar e de caráter muito urgente. (FREUD, apud FERREIRA, 1990: 23)

"A partir da adolescência, fisiologicamente identificável, tudo se processa como se a libido, a serviço da conservação da espécie, buscasse satisfazer-se através de indivíduos que se completem sexualmente".

"O critério inconsistente da aproximação e da busca do ser eleito parece ser sempre a fertilidade esperada: há sempre um fruto inconsciente envolvido, ou talvez conscientemente desejados, numa união entre homem e mulher".

(DOLTO, 1989: 31)

Osório nos afirma que a problemática sexual do adolescente contemporâneo não difere, em essência, daquela vigente nas gerações anteriores. Se o grau de permissividade existente é inegavelmente maior, não foi ele contudo, acompanhado da resolução dos conflitos na área sexual por parte dos jovens de hoje. Há que diferenciar-se a liberdade sexual outorgada ou concedida pela liberalização dos costumes e a conquista pela superação das inibições pessoais e dos preconceitos. A dita

revolução de nossa época, talvez não passe por ora de uma "reação" à repressão sexual e que só adquirirá o caráter revolucionário, na medida em que trazer, simultaneamente, uma proposta de evolução para níveis mais satisfatórios de relacionamento sexual. (Osório, 1984: 81).

A aquisição de papéis sexuais através da socialização, como da idéia de que comportamentos, atitudes e reações emocionais típicas do homem e da mulher em nossa sociedade não tem qualquer substrato biológico, sendo culturalmente definidos e ensinados as crianças desde o momento em que nascem. Coloca questões ainda que na medida em que homens e mulheres internalizam as atitudes adequadas, ou seja, quando o papel sexual já foi psicologicamente assimilado, eles manifestam automaticamente comportamentos socialmente esperados, e a pressão social torna-se sutil, mas ainda ela sempre existe e é continuamente mantida por "agentes socializadores", que podem ser tanto reais, como no caso familiares, amigos, professores, ou simbólicos, que são os apresentados em livros propagandas e outros meios de comunicação de massa e as várias instituições modeladoras de comportamentos como a escola.

No nosso meio, os adultos reconhecem a sexualidade infantil, mas não os distingue da deles. Vêm nas atividades infantis as mesmas intenções que existem na mente adulta. Parecem ignorar que, as crianças podem manipular os genitais de outra criança, sem ter a intenção de provocar qualquer sensação e, que as curiosidades sexuais fazem parte do seu desenvolvimento. Evitam o assunto com as crianças, mas, freqüentemente são descuidados em insinuações ou ações disfarçadas perto delas.

Assim, a sexualidade infantil vai se assemelhando à do adulto, à medida que este transmite valores morais, atribuindo ao sexo um sentido pejorativo. Nesse sentido, a criança passa a associar o sexo a algo proibido, malicioso, ainda que não entenda as razões para ser encarada assim. A criança vai se construindo como ser social que descrimina, exclui e rejeita quem vê o sexo de forma divergente.

✓

PARAFRASEO CONFUSO

De acordo com REICH em alguns povos primitivos é revelada uma vida sexual plena, onde os adolescentes são livres para as práticas sexuais, que ocorre em ambientes seguros, acolhedores e culturalmente legítimos (REICH, 1936 : 114)

Hoje a erotização em torno da figura do adolescente é marcante, os padrões de moral sexual mudam, mas não há como evitar seja a criança ou o adolescente serem influenciados pelos preconceitos sexuais dos adultos, uma vez que toda a estrutura social está impregnada de valores conservadores.

Na sociedade ocidental e patriarcal, a criança é recriminada quando manipula os seus genitais em alguns momentos, mas em outros lhe é solicitado, se for menino, para mostrá-los com o fim de provar que é homem. Neste caso, além de assimilar conceitos repressivos e maliciosos ligados ao sexo, a criança incorpora estereótipos.

Quanto ao exercício da sexualidade, os homens são incentivados a conhecer e aprender suas práticas, até como fundamental para a masculinidade. Apesar da maior liberação sexual nas últimas décadas para as mulheres, ao contrário, o exercício da sexualidade, ainda é restrito e com riscos, sobretudo na adolescência por causa da gravidez indesejada.

Tais valores morais também estão presentes na igreja Católica, que é a religião oficial do país, que mantém o sexo como tabu, condena os métodos contraceptivos não naturais, defendendo o sexo apenas com a finalidade da procriação.

Essa repressão também fica evidente na escola, que só se preocupa com o tema da sexualidade quando aparecem os problemas, seja o homossexualismo, uma aluna grávida, ou um casal que se beija demais na sala de aula. Neste caso, a escola passa a querer uma solução para o problema, sem refletir o que está

↳

FASE MAL CONSTRUÍDA

FASE MAL CONSTRUÍDA

ocorrendo, somente, visando acabar com aquilo que é considerado transtorno.

O mais sensato, é fornecer subsídio para ajudar a lidar com tais preconceitos, informando, orientando, discutindo, abordando o tema da sexualidade de forma aberta e verdadeira para que os adolescentes vejam o sexo de forma segura, sem preconceitos, percebendo com mais clareza seu papel diante das DSTs entre elas a própria AIDS que vem vitimando um enorme número de mulheres que pela cultura da submissão vêm morrendo hoje numa relação de duas para cada homem soropositivo.

L

IV - AIDS

Este capítulo tenta desvelar esta epidemia, trazendo conhecimento e informações de como é feita a prevenção contra a Aids.

Quais as características dessa doença, que conseguiu em tão pouco tempo, redimensionar nossa postura diante dessas questões. Afinal o que diferencia de outras, para que todos os segmentos da sociedade se posicionem diante dela e muitas vezes a utilizem como forma de controlar atitudes e pensamentos? Por que falamos sempre dos doentes e não da doença? Pôr que queremos combater as pessoas com Aids e não o vírus da Aids?

7
1/2
A primeira definição de caso de Aids foi desenvolvido pelo CDC (CENTER FORM DISEASES CONTROL) em 1982, baseada nos achados clínicos imunológicos e epidemiológicos dos primeiros casos descritos. Nesta época o teste anti-HIV ainda não existia e nem mesmo se havia comprovada a etiologia viral da doença.

O CDC definia então a Aids como ocorrência de pelo menos uma dentre 13 doenças que indicavam a existência de imunodeficiência celular subjacente em uma pessoa sem outra razão para o comprometimento imunológico.

Com o passar do tempo tornou-se claro que a infecção pelo HIV pode causar amplo espectro de manifestações clínicas que iniciam com um quadro de infecção aguda, passando por um longo período sem qualquer sintoma, evoluindo para diversas manifestações leves e até a imunodeficiência grave com infecções oportunistas e ou neoplasias que caracterizam o quadro tradicionalmente conhecido como Aids.

Poucas são as pessoas que não ouviram falar em AIDS.

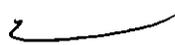
✓

De maneira geral, as notícias são alarmantes, Aids tem se transformado em sinônimo de morte, abstinência sexual, medo e isolamento.

Informações contraditórias e confusas têm levado insegurança, e pavor a milhões de pessoas, principalmente aos adolescentes, que em pleno processo de desenvolvimento natural, orgânico e psicológico, se deparam com novos tipos de inseguranças e dúvidas.

Intimamente relacionada com o comportamento sexual, a Aids obriga a discussão aberta de questões como : casamento, parceiro, homossexualismo, preconceito, solidariedade, saúde pública, virgindade, drogas.

A Educação Sexual vai desmistificar e esclarecer. Somente através do mundo das informações e do melhor entendimento do que é educar, podemos entender o que significa esta epidemia e porque é imperativo que os nossos adolescentes saibam e discutam tudo sobre a AIDS. E para que nós educadores, entendamos definitivamente que o que nos ameaça hoje não é apenas a AIDS doença, mas a AIDS que permite-nos adotar ou deixar emergir preconceitos, dogmas, discriminação, intolerância, autoritarismo, tudo isso sob a máscara das melhores intenções, do melhor comportamento para nossos alunos. Por isso apostamos na compreensão das informações abaixo:

- **O VIRUS DA AIDS NÃO SE TRANSMITE POR:**
 - **Abraço, beijo no rosto, beijo na boca, espirro, tosse, carinho, carícia, aperto de mão, lágrima, suor, saliva;**
 - **Assentos públicos, picadas de insetos, pias, piscinas, saunas, ônibus, elevadores;**
 - **Dormir no mesmo quarto, na mesma cama, uso em comum de roupas e lençóis, batom, toalhas, sabonetes;**
 - **Trabalhar no mesmos ambiente, freqüentar a mesma escola, teatro, cinema, restaurante.**
- 

De uma maneira geral todos falam que "a AIDS se transmite pelo sexo", embora não tenham claro de que modo, especificamente esta transmissão se dá, o que leva alguns deles a fazer a relação entre sexo, AIDS e morte.

Esta é uma questão que precisa ser esclarecida a adolescentes e jovens, para que se possa evitar que eles caiam numa postura antinatural porém, naturalizada de impedir seu desenvolvimento afetivo e sexual de forma sadia.

Ao apresentar estas informações, portanto, pretendemos multiplicar o conhecimento de como a AIDS é transmitida, a fim de que pessoas leigas possam refletir sobre este tema. Desse modo, tentamos reescrever a história da epidemia da AIDS em nossos lares e em nossas escolas, criando uma nova realidade, conscientizadora, face à epidemia. Vamos tornar esta uma história de solidariedade, humanidade, aceitação, compreensão e respeito aos nossos adolescentes, infectados ou não para que essa doença possa ser controlada em termos de sua contaminação.



V - GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A idéia de ter um filho vem, desde cedo nos sonhos, nas brincadeiras de "papai" e "mamãe", nas conversas com as amigas. É uma construção cultural que tem a imitação como seu ponto focal.

Contudo, a gravidez na adolescência é problemática, uma vez que o corpo não está totalmente preparado, por ainda estar em formação e em desenvolvimento, embora se tenha notícia que em épocas não muito distantes de nosso tempo, muitas de nossas bisavós engravidaram e casaram adolescentes. Não estaria aí, o discurso da ciência a justificar outras implicações?

ROMERA, (1985), relata que a adolescência e a gravidez são descritas como períodos críticos no processo evolutivo. Portanto, para as adolescentes, a vivência da maternidade pode tornar-se mais complicada, pois a crise da adolescência se somaria a crise da gravidez. As múltiplas exigências que aparecem na busca de identidade durante o processo da adolescência, seria acrescentada a grande exigência que é o tornar-se mãe.

A adolescente grávida expõe-se a um nível de exigência elevada, vivenciando concomitantemente dois processos de reestruturação da personalidade. Mal começa a assimilar o seu novo esquema corporal, resultado das transformações puberais, e já se depara com as modificações decorrente da gravidez. Questão para a qual corroboram injunções de ordem sócio-cultural e econômica.

No Brasil somente a partir da década de 70 começa a ser estudada de forma mais continuada na área médica, a gestação precoce, sob aspectos de evolução clínica, tanto para a parturiente quanto para a criança. No final da década de 80 surgem preocupações quanto a caracterização sócio-econômica das jovens

mães, demonstrando-se que o aumento de gestações precoce é um fenômeno crescente, que não passa despercebido pela sociedade. Entretanto, um indicador dessa caracterização sócio-econômica, que deve ser visto com cuidado, são as proporções maiores de gestação, levadas a termo entre as adolescentes de baixa renda. Isto não significa que apenas estas jovens estejam expostas à gestação precoce. A autora chama a atenção para o fato, de que a proporção de filhos entre jovens de condição mais favorecidas é menor porque possivelmente recebem maior esclarecimentos quanto aos riscos inerentes a prática sexual, tem maior acesso a um método contraceptivos, ou mesmo porque a interrupção da gravidez é vista como um mal menor para a vida da futura adolescente. (MELO, 1993: 3).

Estudos na área da medicina chamam a atenção para intercorrências durante a gestação, parto, pós-parto, e que afeta o bebê da adolescente mãe, mostrando que os riscos são proporcionalmente maiores em relação às mães dos demais grupos etários.

Estes mesmos estudo alertam que, antes mesmo dos riscos médicos, as adolescentes mães correm outros riscos advindos de suas condições de vida, tais como: precariedade da alimentação, de acompanhamento pré-natal, exame complementares, etc. Estes sim, condicionantes essenciais para a parturiente.

É válido ressaltar que estes estudos em seu conjunto não discutem (alguns poucos reconhecem) a sexualidade na adolescência. E se reconhecer a sexualidade do adolescente já é problemático, a desvinculação entre sexualidade e maternidade nem é posta em discussão, pois ambos os aspectos ainda são vistos como um processo único e natural da mulher e entre elas, das adolescentes que engravidam.



A sociedade de um modo geral, preserva o direito de nascer, mas cria restrições quanto o direito de decidir quais as funções a cumprir ao longo da vida. Para a adolescente, a decisão de ser mãe ou de interromper a gestação, na prática, é decidida por outra pessoa e, muitas vezes, à sua revelia. A maternidade é um mito que, se as mulheres em geral não têm espaço para questionar, muito menos espaço têm as adolescentes que sofrem ainda mais repressão à sua sexualidade.

A nível familiar as pressões sociais dificultam habitualmente a aceitação da gravidez. Quando a adolescente engravida solteira, isso pode provocar a ira dos pais, motivada principalmente pela preocupação com o que as pessoas irão falar, com o fato da filha não poder entrar na igreja de véu e grinalda, e atormentam-se com sentimentos de culpa por considerarem-se fracassados como educadores. Em suma, apresentam reações que refletem vergonha e não aceitação da prática sexual da filha.

"Os sentimentos antagônicos da adolescente frente a gravidez demonstram, o quanto, também elas, se sentem envergonhadas de suas práticas sexuais: por um lado desejam ter o filho, mas por outro mostram-se arrependidas por terem "se perdido" e temem punições, chegando por isso a pensar ou praticar o aborto". (SARMENTO, 1990: 95)

É sabido também que a gravidez precoce pode acarretar dificuldades, tais como: a interrupção dos estudos, a falta de condições para criar o filho, pressões familiares, o medo de ser "falada", excluída, desrespeitada, a possibilidade de ficar sozinha com a criança.

Tais fatores podem gerar tensão emocional, sentimentos de temor, insegurança, culpa, originando as vezes, crises depressivas, reação negativa frente a gestação, com rejeição consciente ou

—

inconsciente. O relacionamento mãe e filho torna-se difícil devido sobretudo as pressões da realidade, surgindo então os conflitos que irão marcar profundamente sua estrutura emocional.

→ É válido ressaltar que, as desigualdades sociais do nosso país, representam desiguais "infâncias" e "adolescência" tornando ainda mais difícil, a maternidade na adolescência. Hoje, como sabemos a criança chega á escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo. As dúvidas, crendices e posições negativas transmitidas aos colegas.

Quer nós queiramos ou não, a educação sexual está acontecendo nas escolas. Atrás das portas, nos banheiros, no grafite, na pornografia e através de atitudes de professores que não tem o menor preparo para lidar com esse tipo de solicitação.

A educação sexual na escola visa colocar o diálogo sobre a sexualidade dentro da sala de aula, através de professores com o preparo para bem desempenhar essa tarefa educativa, nesse sentido se torna necessário reforçar a idéia da formação inicial e continuada destes professores e não impor-lhes um currículo nacional (os PCNs) sem formação prévia.



VI - EDUCAÇÃO SEXUAL

→ *"Um homem educado é o homem que aprendeu a aprender; o homem que aprendeu a adaptar-se e mudar, que percebe que nenhum conhecimento é seguro e que só o processo de buscar conhecimento dá alguma base para a segurança".*

Só de um contexto interpessoal no qual a aprendizagem seja facilitada, surgirão verdadeiros estudantes, reais aprendizes, cientistas e intelectuais, criativos e praticantes, indivíduos capazes de viver em um equilíbrio delicado, mas sempre mutável, entre o que é atualmente conhecido, e os fluentes, móveis e mutáveis problemas e fatos do futuro". (ROGERS, 1972)

No Brasil, a história da educação sexual é marcado por avanços e retrocessos.

No início do século XX, correntes médicas e higienistas que estavam tendo sucesso na Europa chegam ao Brasil. Pregavam basicamente o controle das doenças venéreas, o combate à masturbação e visavam preparar a mulher para o seu papel de esposa e mãe (Barroso e Bruschini, 1982).

Na década de 20, grupos inovadores da sociedade, entre eles a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, liderado pela feminista Berta Lutz, reivindicavam um ensino da sexualidade menos limitado que o proposto anteriormente.

Segundo Barroso e Bruschini (1987), em 1930, o Colégio Batista do Rio de Janeiro, por iniciativa do professor Stawiarski, inclui em seu currículo o ensino da educação sexual e evolução das espécies. Esta Iniciativa terminou por volta de 1954 com a demissão do professor, que foi acusado pela Justiça do Trabalho de imoral.

✓

Na década de 60 várias foram as tentativas de implantação da educação sexual no Brasil, sendo a maioria delas em São Paulo. No início eram os educadores sanitários do Departamento de Assistência ao Escolar de São Paulo que davam as orientações (normalmente em turmas separadas) que somente depois passaram a ficar a cargo de alguns professores.

Após 1964, especialmente na década de 70, com o país nas mãos dos militares, o Brasil entrou numa época de muita censura, sendo que as escolas que ministravam educação sexual foram fechadas, professores suspensos e alunos expulsos (ROSEMBERG, 1985)

É de 1968, o projeto de lei da Deputada Júlia Steinbruch (PMDB/RJ) que propunha a inclusão obrigatória da educação sexual nas escolas do primeiro e segundo graus.

WEBERE (1978), indica que em pesquisa realizada em 1976 no IV Congresso Brasileiro de Orientação Educacional, verificou-se a existência de 56 trabalhos de Educação Sexual sendo realizados em São Paulo, o que mostra que apesar de toda repressão tentativas isoladas continuaram.

A rede municipal de São Paulo, realizou em 1977, através do Setor de Orientação Sexual, em princípio mantendo sigilo, um projeto de Orientação Sexual em algumas escolas. O sigilo foi necessário para proteger os pais, professores, alunos e as próprias escolas envolvidas. Esta experiência se manteve até 1982, em 1983 e 1984 eram atendidas, apenas as escolas que solicitaram (ROSEMBERG, 1985).

Em 1978, sob o governo do então Presidente Geisel, há um afrouxamento da censura, e com isso, alguns livros e artigos puderam ser escritos e publicados.



Neste mesmo ano, é realizado por iniciativa particular o I Congresso sobre Educação Sexual nas escolas. Este evento foi de grande importância, especialmente por ter feito com que o tema voltasse a público.

No final da década de 70 duas experiências inéditas foram implantadas na América Latina, sob a coordenação da sexóloga Maria Helena Matarazzo: um serviço telefônico para responder perguntas sobre sexualidade e um programa de rádio, e em 1980 é introduzido um espaço específico em programa de televisão para a sexóloga Marta Suplicy falar sobre sexualidade. Tal programa foi utilizado em debates, palestras e conferências no circuito universitário, normalmente organizadas pelos diretórios acadêmicos.

As informações mais recentes obtidas são sobre um Projeto de Educação Sexual da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro em parceria com uma Organização Não Governamental e a Fundação Oldebrech. Este projeto "EDUCARTE" é supervisionado pela professora e sanitarista Marcia Regina Matos. Teve início em 1994 e abrange 114 escolas municipais nas várias regiões do Estado. O objetivo deste projeto segundo informações obtidas junto a Professora Marcia Regina é de capacitar o professor para abordar questões ligadas à sexualidade. Os cursos são ministrados pela equipe do CEDUS (CENTRO DE EDUCAÇÃO SEXUAL/ONG) que através de oficinas prepara o educador para lidar com tal tema.

É importante destacar a necessidade do preparo do educador para lidar com tal tema. O educador que se propuser a trabalhar nesta área deverá se preparar, ler muito sobre o assunto, discutir com especialistas, freqüentar cursos. Para isso deverá ser fornecido ao mesmo condição de preparo e aprimoramento.



O professor deverá se despir de preconceitos e tabus para não incorrer no erro de abordar o assunto, exercer atitudes doutrinadoras, portanto, repressivas da moral vigente.

De acordo com a psiquiatra e sexóloga FUCS(1984), é importante aos profissionais que trabalham com o comportamento se esclarecerem e se conhecerem, devendo ter sua sexualidade bem informada e estruturada, questionando as influências da moral dominante, pois o conhecimento de si próprio deve preceder o trabalho com o outro.

BARROSO E BRUSCHINI(1983), apresentam um Programa de Educação Sexual para vários professores que queiram trabalhar nessa área. Tal Programa abrange tanto a parte de formação biológica, tanto proporciona aos jovens, através de debates, a reflexão e escolha de seus próprios valores. Ressalta ainda a interrelação entre a questão sexual e social, analisando o sexo dentro dos contextos econômico, social e cultural. São apresentadas as técnicas utilizadas num Programa de Educação Sexual realizado em 1979 pela equipe da Fundação Carlos Chagas, cujo resultado foi publicado pelas autoras no livro "Educação Sexual : debate aberto" (1979).

A autora coloca que o educador que irá trabalhar nesta área deverá obter aceitação dos demais agentes educativos que lidam com os jovens, incluídos aí, além dos outros professores e do direito os pais também. Ressaltam a importância do Programa levar em consideração os interesses dos alunos e ser condizente com a realidade cultural dos mesmos, e sua utilidade na vida presente e futura, proporcionando conhecimento, experiências e conclusões válidas.

Considera que tal conteúdo deveria ser incluído no curso de formação de professores, onde seriam enfocados os aspectos biológicos, psicológicos e sociais.



VII - CONCLUSÃO

Há quase um século, o descobridor da Psicanálise demonstrou que em vez de uma legião de anjos na terra, as crianças são seres sexuados e, desde então falamos em sexualidade Infantil.

As crianças nos mostram uma variedade de formas da sexualidade humana a tal ponto de não podermos mais sustentar que o sexo serviria somente à reprodução.

Não podemos ignorar que o sucesso dos *Mamonas Assassinas* se deveu a seu canto repleto do que as crianças sempre dizem e disseram de sexual. A sexualidade não se constitui, portanto, por um aprendizado formal.

A realidade atual exige da sociedade uma providência, de curto prazo, que traga, uma solução definitiva sobre "onde" e "quando" as nossas crianças devem iniciar discussões sobre a sua sexualidade e o seu próprio corpo.

Sabemos que a educação sexual é um assunto polêmico por envolver tabus e outras questões culturais. Contudo, ignorar a sua importância, atualmente, é correr o risco de arcar com prejuízos irreparáveis.

Ainda hoje muitos professores acham que educação sexual deveria ser responsabilidade dos pais, para uma minoria deveria ser matéria escolar.

Para alguns pais, o aprendizado deveria ser responsabilidade das escolas, para outro, são coisas que as crianças devem aprender

naturalmente de acordo com o seu próprio desenvolvimento, e ainda, para outra parte, falar abertamente sobre o assunto poderia levar os adolescentes a uma iniciação precoce e à promiscuidade.

Por sua vez, uma parte dos adolescentes acha que a educação sexual deveria ser encargo das escolas e, outra parte acha que é responsabilidade dos pais.

Enquanto esse ping-pong não se define, a gravidez indesejada, a contaminação com doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS fazem a festa.

Não podemos considerar a educação sexual como a melhor via para a solução de problemas que, na realidade são de ordem social e, que, muitas vezes, ultrapassam o próprio quadro da ação educativa. Diante do que acabamos de expor e tendo em vista o resultado de entrevistas de seis adolescentes para a confirmação do exposto nesse trabalho colocaremos algumas questões advindas de entrevistas realizadas com adolescentes.

De início, ressaltamos que todas as crianças vivem com suas famílias, constituídas de pai e mãe, modelo de família conjugal, de classe média e apenas um deles o pai falecido.

Em relação à idade das crianças entrevistadas, quatro meninos e duas meninas, apenas um que tenha decidido participar não escreveu nada. Em relação a idade que ouviram a palavra sexo pela primeira vez fica evidente que foi na pré adolescência entre sete e nove anos. No referente aos sujeitos de seu meio de quem ouviu falar sobre sexo, 50% disseram ter sido pelos colegas e outros 50% a família; em relação a educação sexual novamente 40% acha que deve se dar na escola e 10% na família. Perguntados quanto a sua primeira relação sexual, os mais novos afirmaram não terem experiência. Os de treze anos para cima afirmaram já ter tido sua 1ª

relação, inclusive um afirmou ter tido sua 1º relação no banheiro da escola. Em relação à prevenção a DSTs todos afirmaram a importância da camisinha e seu uso. Quanto à questão, se seus pais falam sobre a sexualidade, 65% afirmaram que não, e 35% afirmaram que sim. Todas as crianças afirmaram ter conhecimento sobre sexo, inclusive ter conhecimento de estratégias de contracepção.

Em relação a descrição na pesquisa de campo o que podemos observar:

- * Nem na escola, nem na família há uma efetiva educação sexual.
- * Face à 1º conclusão, conseqüentemente, existe uma total despreparo para a vida sexual.
- * Nenhum dos entrevistados abordou como se faz uso dos métodos contraceptivos, o que coloca dúvidas sobre a prevenção tanto das DSTs e quanto gravidez não desejada.
- * Todos falaram bastante em camisinha, sendo que um dos adolescentes disse que viu na televisão. Não terá a mídia influenciada nessas respostas sem dar condições para um maior entendimento sobre o uso desse instrumento?
- * As crianças acabam sabendo sobre sexo através de colegas, e muitos passam informações equivocadas apenas um alegou falar abertamente sobre sexo com a família, tendo em vista que tanto as políticas governamentais quanto as igrejas e a saúde escolar consideram a família como a mais indicada a falar sobre sexo.
- * Observa-se que os alunos indicam ter conhecimentos sobre contraceptivos, estes foram os conhecimentos sobre sexo mais indicado pôr todos, no entanto questionamos este saber, como um não saber integral sobre a sexualidade, já que ninguém indicou conhecer seu corpo, sua anatomia, fisiologia, e etc, um conhecimento desvinculado do todo.

O melhor e mais abrangente programa de Educação Sexual, talvez não reduza as altas taxas de gravidez na adolescência e DSTs, mas certamente irá contribuir para minimizar o problema e seus efeitos principalmente a nível social.

Reconheço que num país com tantas mazelas sociais, existem questões que requerem urgência. No que se refere a educação podemos citar: evasão escolar, a repetência, a falta de escolas, a falta de recursos, etc. Contudo, não devemos desconsiderar a importância da Educação Sexual e nem nos prender as amarras do difícil, do impossível, do não prioritário.

A Educação Sexual, a informação sobre aspectos da sexualidade pode ser uma alternativa minimizadora das angústias e dilemas da adolescência, embora haja o risco permanente desta mesma educação transformar-se em instrumento repressor da sexualidade e da opção consciente.

Para uma jovem adolescente, ser mãe é tarefa extremamente difícil e muitas vezes dramática, não só para a mãe como também para a criança que geralmente nasce em condições precárias de sobrevivência.

As mães adolescentes, constituem parcela bastante significativa da população, esquecida pelo poder público, em nível de assistência a saúde como em nível de educação. A falta de informação e orientação sexual colocam em risco a saúde dessas jovens, especialmente para a classe mais empobrecida e explorada, que acaba sendo atendida na melhor das hipóteses por serviços de caráter emergencial, que apenas garantem a sobrevivência física de mãe e filho numa situação crítica.

Talvez, seja este o verdadeiro motivo da Educação Sexual não ser considerada prioritária, ser ignorada, porque assim, a estabilidade valorativa estará a salvo.

Quando se oferece à adolescência, uma informação sexual que indiretamente desaprova e censura a prática sexual, informação esta, permeada de valores repressivos e limitadores, estamos considerando a Educação Sexual numa linha repressiva de reforçamento das contradições, preconceitos e tabus.

Educar Sexualmente, seria justamente, liberar a adolescência destes pré julgamentos, pré preconceitos e tabus tradicionais, para que ela possa assumir o exercício de sua autonomia pessoal, assumir suas opções e tornar-se responsável.(grifos meus)

A importância de tal programa, se faz, na medida que se pensa, o papel da sexualidade na vida das pessoas. Possibilita discussões sobre as normas sociais que regem o comportamento das pessoas e sobre determinações sociais e políticas que são impostas diretamente ou não a elas, e isso proporcionará ao jovem a busca de uma posição crítica frente aos padrões sociais.

Não podemos esquecer que, deve se respeitar as crenças e valores morais e religiosos de cada um, sendo assim, a Educação Sexual deverá não ser diretiva, e dar condições para que cada jovem reflita e faça sua opção. Desse modo, o educador desempenha um papel fundamental, porque não é possível acreditar na neutralidade da informação, o educador é o intelectual transformador, que age contra a hegemonia vigente. Assim, a sexualidade, com muito mais razão está incluída entre aquele conjunto de informações absolutamente sujeito a influência de quem a veicula. Nós educadores devemos estar preparados para lidar com esse tema buscando a imparcialidade e contribuindo para que o homem torne-se um ser consciente.

Obs: O trabalho contempla ideias importantes, apresenta capítulos bem definidos, mas a metodologia desenvolvida apresenta problemas, pois acredito que os questionários aplicados não tiveram os seus resultados analisados devidamente. Há erros de escrita na 2ª página.

VIII - BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY & KNOBEL, M. A Adolescência Normal. 7 Ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- ARIES, Phillipe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BARROSO, C. & BRUSCHINI, C. Educação Sexual: debate aberto. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BARROSO, Carmen et alli. Gravidez na Adolescência. IPLAN/IPEA, UNICEF-Fundação Carlos Chagas - Série Instrumentos para Ação, n 6, Brasília, 1986.
- BEZERRA, M. L. et al. Estudo Retrospectivo sobre Adolescentes Grávidas Atendidas no IMPI (PE) no biênio: 1984 - 1985, in: Coletânea sobre Saúde Reprodutiva do Adolescente Brasileiro. Brasília, 1988.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Repressão Sexual: essa nossa desconhecida. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- CURRIER, Richard. Perspectiva Global da Sexualidade dos Jovens. in: CONSTANTINE, Larry, Martinson, Floyd. Sexualidade Infantil, São Paulo: Ed. Roca, 1984.
- DOLTO, Françoise. Sexualidade Feminina. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1984.
- ENDERLE, C. Psicologia da Adolescência: uma abordagem pluridimensional. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1988.
- ERIKSON, Erik H. Identidade Juventude e Crise, 2 Ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1976.
- FERREIRA, Ana Luiza Penido. Avaliação das Complicações Materna Fetais e Neonatais da Gravidez na Adolescência Conforme Idade Cronológica e Idade Ginecológica, Belo Horizonte: Faculdade de Medicina da UFMG, 1990 (Dissertação de Mestrado)
- FERNANDEZ, Senira A. F. A Adolescente: comportamento sexual, PUC, São Paulo: 1982 (Dissertação em Mestrado).

- FOREMAN, Valéria Lopes. A Importância da Educação Sexual no Desenvolvimento de Adolescentes Cegos. PUC, São Paulo: 1989 (Dissertação de Mestrado)
- FREUD, S. A General Introction to Psychoanalyses. Nova York, Permabooks, 1953
apud MUSS, E. R. Teorias da Adolescência, 5 Ed., Belo Horizonte, Interlivros, 1976.
- FUCS, G. B. A Educação Sexual e os Profissionais que Lidam com a Saúde e o Comportamento Humano. São Paulo: Ed. Clínica Médica, 2(6): 16 - 22, agosto, 1984.
- GALLATIN, Judith. Adolescência e Individualidade. São Paulo: Harper e How do Brasil, 1978.
- GOJMAN, I. et al. Alto Riesgo Neonatal en el Higo de Madre Adolescente y sola. Obstet. Ginec. Latina Americana, 1979.
- GRACIANO, Marília. Aquisição de Papéis Sexuais na Infância. Cadernos de Pesquisa, (25): 29-44, 1978.
- JORNAL DO BRASIL. Gravidez na Pré Adolescência Cresce. Rio de Janeiro, 21/04/1996, p. 59.
- MELO, Aparecida Vieira. A Gravidez na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar. PUC, São Paulo, 1993 (Dissertação de Mestrado).
- MIRANDA, Ricardo. Gravidez entre Jovens Cresce no Brasil, in Jornal O Globo 14/04/1996, p. 13.
- MORAES, Gilberto. Educação em crise, São Paulo, 1989.
- MOURA, José Valdez de Castro. Gravidez na Adolescência: estudo retrospectivo nos anos de 1978, 1982, 1987 na Santa Casa de Misericórdia de Pindamonhangaba-SP, Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, 1981(Dissertação de Mestrado).
- MURARO, Rose Marie. Sexualidade da Mulher Brasileira. Corpo e Classe Social no Brasil, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1983.
- MUUSS, E. R. Teoria da Adolescência. 5a Ed., Belo Horizonte: Interlivros, 1976.
- ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUDE. El Embarazo y el Aborto en la Adolescencia. série de informes Técnicos, Genebra, 1985.
- OSÓRIO, L. C. Medicina do Adolescente. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1982.

- PAPALIA, D. E. & OLDS, S. W. O Mundo da Criança: da infância á adolescência. São Paulo: Ed. Mcgraw Hill, 1981.
- REICH, Wilhelm. A Revolução Sexual. 6 Ed., Rio de Janeiro: Ed. Zahar 1990.
- ROGERS, Carl. Tornar-se Pessoa. Santos: Ed. Martins Fontes, 1972.
- ROMERA, Maria Lúcia Castilho. Considerações sobre Aspectos Psicológicos da Gravidez, Parto e Puerpério na Adolescência. PUC, Campinas, São Paulo, 1985 (Dissertação em Mestrado).
- ROSEMBERG, Fulvia. Educação Sexual na Escola. Cadernos de Pesquisa, (53) 11 - 19,1995.
- SARMENTO, Regina. Gravidez na Adolescência: amor busca desencontro. PUC, Campinas, São Paulo, 1990 (Dissertação de Mestrado).
- TIBA, Icamí. Puberdade e Adolescência: desenvolvimento biopsicossocial. São Paulo: Ed. Ágora, 1986.
- VITIELLO, N. Assistência Obstétrica a Adolescente. Rev. Brasileira, Ginec. Obstet., 1993.
- WEREBE, Maria José G. Implementação da Educação Sexual no Brasil, Cadernos de Pesquisa, (26): 21- 27, 1978.

L

ANEXOS

NOME Lucia Helena
IDADE 34 ANOS SEXO Feminino
ENDEREÇO Rua Dona Zomira 164/208

QUESTIONÁRIO

1) EM QUE IDADE, E QUEM LHE FALOU A 1º VEZ SOBRE SEXO?

Rº As colegas da escola

2) QUAL O AMBIENTE QUE VOCÊ ACHA MAIS PROPÍCIO PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA OU FAMÍLIA?

Rº Escola, com a professora.

3) QUANDO FOI SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?

Rº Quase tive uma no banheiro da escola, mas tive medo.

←

7) AGORA, UTILIZE ESTAS LINHAS PARA FALAR LIVREMENTE SOBRE O SEXO.

Sexo deve ser bom, mas deve
doer. Gostaria de conhecer alguém
especial para fazer sexo, mas
terei que ter cuidado por
me engravidar. Uma
amiga minha de 15 anos
está grávida.

←

NOME Luiz Edvaldo Coelho Netto
IDADE 18 ANOS SEXO M
ENDEREÇO PC Gen. Tiburcio 83/707
URCA

QUESTIONÁRIO

1) EM QUE IDADE, E QUEM LHE FALOU A 1º VEZ SOBRE SEXO?

± 12 ANOS. Meus Pais.

2) QUAL O AMBIENTE QUE VOCÊ ACHA MAIS PROPÍCIO PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA OU FAMÍLIA?

ACAO QUE DEVE COMEÇAR EM FAMÍLIA e DEVE SER ORIENTADO pelas Escolas.

3) QUANDO FOI SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?

± 17 ANOS

←

4) QUE CONHECIMENTOS VOCÊ TEM SOBRE:

a) MÉTODOS CONTRACEPTIVOS?

b) DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS?

a) CAMISINHA

b) CAMISINHA

5) COMO VOCÊ SE PREVINE PARA A GRAVIDEZ NÃO DESEJADA E AS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS?

USANDO CAMISINHA.

6) SEUS PAIS FALAM ABERTAMENTE SOBRE SEXO?

FALAM.

✓

7) AGORA, UTILIZE ESTAS LINHAS PARA FALAR LIVREMENTE SOBRE O SEXO.

Sexo é muito bom.

↳

NOME André F. Duarte Gonçalves
IDADE 12 anos SEXO M
ENDEREÇO Rua Bonato Ribeiro 71/1108

QUESTIONÁRIO

1) EM QUE IDADE, E QUEM LHE FALOU A 1ª VEZ SOBRE SEXO?

~~12 anos~~ ^{7 anos}, na escola com professores e com a família.

2) QUAL O AMBIENTE QUE VOCÊ ACHA MAIS PROPÍCIO PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA OU FAMÍLIA?

na família. Por que na escola não pode se abrir por inteiro, em casa, não ~~no~~ máximo leva umas palmadas.

3) QUANDO FOI SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?

Ainda não foi. Mas tenho muita vontade de fazer.

↳

7) AGORA, UTILIZE ESTAS LINHAS PARA FALAR LIVREMENTE SOBRE O SEXO.

Pelo que falam deve ser muito bom, só estou
esperando a hora certa para me iniciar com
relações sexuais

←

NOME Enzo do Nascimento
IDADE 22 SEXO M
ENDEREÇO rua ... 44 opt. 502

QUESTIONÁRIO

1) EM QUE IDADE, E QUEM LHE FALOU A 1º VEZ SOBRE SEXO?

7 anos.
A minha ~~mae~~ família

2) QUAL O AMBIENTE QUE VOCÊ ACHA MAIS PROPÍCIO PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA OU FAMÍLIA?

Família: Por que não dá pra perguntar sobre sexo.

3) QUANDO FOI SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?

Não teve

✓

7) AGORA, UTILIZE ESTAS LINHAS PARA FALAR LIVREMENTE SOBRE O SEXO.

Eu acho importante para a sociedade
com o sexo, para a educação e a vida
com o amor

←

NOME JULIANA CHAGAS

IDADE 15 ANOS SEXO FEMININO

ENDEREÇO RUA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS 158 - CASA - RANOS

QUESTIONÁRIO

1) EM QUE IDADE, E QUEM LHE FALOU A 1º VEZ SOBRE SEXO?

QUANDO EU TINHA 9 ANOS, E NA AULA DE NATAÇÃO, UM COLEGA MOSTROU O PINTO E PEDIU PRA EU TOCAR.

2) QUAL O AMBIENTE QUE VOCÊ ACHA MAIS PROPÍCIO PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA OU FAMÍLIA?

AULA DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA.

3) QUANDO FOI SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?

FOI COM MEU NAMORADO, COM 14 ANOS

✓

7) AGORA, UTILIZE ESTAS LINHAS PARA FALAR LIVREMENTE SOBRE O SEXO.

Eu queria ter mais liberdade para
contar minha vida sexual.
Não posso falar para meus pais que
já transsei.

←